

OBRAS COMPLETAS DE

António Telmo

VOLUME V

COORDENAÇÃO EDITORIAL | Maria Antónia Braia Vitorino,
António Carlos Carvalho e Pedro Martins

APOIO INSTITUCIONAL E CIENTÍFICO | Projecto António Telmo. Vida e Obra
www.antonio-telmo-vida-e-obra.webnode.pt

TÍTULO

Contos Secretos seguidos de A Goga

AUTOR

António Telmo

PREFÁCIO | Miguel Real

POSFÁCIO | António Carlos Carvalho

ESTUDOS E COMENTÁRIOS | Afonso Botelho, Ângelo Monteiro, Rui Arimateia,
António Cândido Franco, Pedro Sinde e Avelino de Sousa

ORGANIZAÇÃO E NOTAS | Pedro Martins

TRANSCRIÇÃO | Pedro Martins

REVISÃO | Pedro Martins

EDITORES

Alexandre Gabriel & Sofia Vaz Ribeiro

1ª EDIÇÃO: Junho de 2016

ISBN: 978-989-677-139-3

DEPÓSITO LEGAL: 411 196/16

IMPRESSÃO: DPS

© 2016, Zéfiro



Zéfiro – Edições e Actividades Culturais, Lda.
Apartado 21 – 2711-953 Sintra – Portugal
EMAIL: zefiro@zefiro.pt

WWW.ZEFIRO.PT

ÍNDICE

Nota Editorial	II
Prefácio	13

CONTOS SECRETOS

Os Dioscuros	21
A arte de olhar	31
O invento ou a salvação do mundo	39
Doutoramento e incesto	47
O trevo	55
Trabalho de grupo	61
Apresentação	73
A Dama de Ouros	75
Um conto policial	81
A boleia	89
A conferência	93
No Hades ou o antiquário de Estremoz	99
A minha história	109

O BATELEUR

A gaveta do antiquário	115
Um conto exemplar	119

A conspiração dos linguistas	127
A primeira figura do Tarot	131
As estranhas etimologias de Platão	135
História secreta da Linguística	139
As perplexidades do aprendiz	143
O Bateleur	147

OUTROS CONTOS E ESCRITOS AFINS

O batoteiro	151
O contador de histórias e a mesa de bilhar	155
A história sonhada do jogador de Poker	159
Sobre <i>Os Dioscuros</i>	163
Sobre <i>Doutoramento e Incesto</i>	165
Darwin	167
Sobre <i>A Dama de Ouros</i>	173
Reacção minha, há 12 anos, ao que li hoje, aos 82, sobre um dos meus livros	175

A GOGA

Primeiro Acto	179
Explicação	213
Segunda Parte – Quem é Vítor Valente?	215

A VENDA DOS PAINÉIS

Plano da peça	243
Versão A	244
Versão B	248
Posfácio	255

MARGINÁLIA

Carta de António Telmo para José Manuel Capêlo sobre <i>O Bateleur</i> , de 27 de Agosto de 1992	265
Lançamento de <i>O Bateleur</i> – Dez. 92, por Afonso Botelho	266
O Milagre do <i>Le Bateleur</i> , por Ângelo Monteiro	271
As ideias são comunicadas pelos anjos, por Rui Arimateia	274
Fábulas com pinturas, por António Cândido Franco	284
TELMO, António, <i>Contos</i> , Lisboa, Aríon, 1999, 186 pp., por Pedro Sinde	287
<i>Contos</i> de António Telmo, por Avelino de Sousa	289

Redire-se neste quarto volume das Obras Completas de António Telmo a livro *Contos Secretos* (Lisboa, 2007), que há a ver com a lenda, originalmente, em 1999, para o livro de Jaime Cortesão (1999), desde altura fazendo já parte integrante *O Bateleur* (Aríon, 1992). Adicionalmente, publicou-se três ou na continuação do livro, um dos quais foi já publicado postumamente. Escrita, aliás e contemporânea, das duas quais medinas, completam a primeira parte do presente volume.

Na segunda parte, dá-se a estampa *A Goga*, peça de teatro baseada de um diário escrito médico, bem como os materiais fragmentários que se encontraram no arquivo de António Telmo, destinados a um futuro projecto dramaturgico, nunca concluído. *A Venda dos Painéis*.

Na terceira parte de *A Goga*, faz-se a leitura verificada, como, por exemplo, sucedeu com os textos de casal de jovens professores protagonistas, António e Ana Maria, apontando para caminhos as soluções que, do modo preliminar ou incipiente, correspondem à intenção última de António Telmo. Assim, no caso concretamente referido, apesar de em alguns trechos da peça o Filipe, com um claro programa simbólico, ter mudado dois nomes, primeiro para André e Ana Maria, depois para João e Maria, faz-se a indicação derivada no texto arquivado por meio de um binómio inicialmente adoptado, que altera-se autobiograficamente e leitor poderá verificar não deve ser descurado.

As palavras de maior difícil cumprimento nos manuscritos manuscritos são acrescentadas no próprio texto, com recurso ao final "[?]

ANTÓNIO TELMO – FÁBULAS COM PINTURAS³⁵

Eu podia dizer que a Filosofia Portuguesa é uma rosa brava que se usa na lapela sem se desfolhar ou então um bordado selvagem, mas prefiro abster-me, que o assunto é sério e tem andado resfriado de equívocos.

A chamada Filosofia Portuguesa encarada à distância de 50 anos nada tem de desperdício cultural ou de transigência política. Para desperdício cultural há trabalho em demasia e para transigência política oposição a mais. Por detrás da benevolência tartamuda de um Álvaro Ribeiro esconde-se um invejável cepticismo ou até um racionalismo de esquadro e compasso, como por detrás da expressiva eloquência de um José Marinho se depara com um espantoso inconformismo, apostado em livrar o homem de todos os incómodos. Marinho não foi só o mais saudoso dos discípulos de Leonardo Coimbra; foi também o bravo que suportou corajosamente 30 anos de exclusão social, por ter sido implicado no atentado de 1937 contra Salazar.

A Filosofia Portuguesa parece assim um admirável arдил da História. Há humores que só se percebem 50 anos depois e este bem pode ser o estratagema a que a História inteligentemente engendrou em clima adverso e frio para salvar do esquecimento os sóis quentes da cultura espiritual republicana da Renascença Portuguesa.

³⁵ N. do O. – Publicado originalmente em *JL – Jornal de Letras, Artes e Ideias*, de 1 de Dezembro de 1999.

É lástima que um tal trabalho de resistência possa ter sido visto, mesmo por argutos, como pouco menos que o afortunado dizer da sensibilidade média da época. Mais que demolir, interessou aos homens da Filosofia Portuguesa demandar o espírito que sobrevive às ruínas, mas isso só abona o talento raro de que dispunham e a desamparada situação de orfandade em que viviam.

António Telmo foi um dos jovens que há 40 anos se deu conta que o diálogo de Álvaro Ribeiro e José Marinho a uma obscura mesa de café não era assunto de rotina. Deixou-se então ficar na roda e estreou-se aos 36 anos com uma *Arte Poética* (1963). Hoje com mais de setenta, o autor passa por ser um caprichoso esotérico, quando não um perdulário que desperdiça em charadas e horóscopos a inteligência que Deus generosamente lhe confiou. Outros ainda, mais prosaicos e rasos, dizem-no tão só apreciador da batota e do bilhar, quando não da tourada portuguesa ou da caça às perdizes.

Eu nada sei disso. Conheço-lhe bem as letras, mas mal os passos. Por isso, digo que ele é um homem discreto, que foge da vaidade do mundo, sem precisar para isso de se fazer hipócrita ou insuportável. Tem o gosto inato do convívio, mas não se presta a fazer de pavão nas montras dos passeios públicos. Tal como Herberto se fica por um recanto de uma anónima tasca do Largo da Misericórdia, também Telmo não troca o café da cidade onde vive pelas docas de Alcântara ou os bares do Bairro Alto.

Julgo que isto só lhe fica bem. E julgo ainda que esta modéstia pessoal não é uma questão de feito mas de justiça. Mais do que um hábito, ela é uma vontade. Há em tal cuidado a nobreza de um propósito, que tem sido de resto o centro de todo o seu trabalho literário. Este homem tem procurado em tudo quanto escreve, e não tem sido muito, o esforço de um aperfeiçoamento moral. De nada lhe vale a beleza, se tal encanto não se traduzir para ele num acréscimo de melhoria interior.

O que anda por aqui não é nenhum idealismo requeentado, mas o lastro bem apetrechado do Aristóteles que desfibrou a tragédia, encontrando no suor amargo da poesia um superior sentido purgativo. O resultado é António Telmo ser um dramático, antes de ser um filósofo; mais vale para ele a beleza sem efeito que o raciocínio sem catarse. A primeira é só postiza, sem chegar a ser pérfida; o segundo é diabólico, sem ser inofensivo.